

de uma antiga ermida, cujo orago foi S. Simão. Os estuques tem bastantes vestígios de pintura. Na parede da esquerda há figuras de santos; inferiormente corria a data em alemão minúsculo; dela só se vê isto: Fig. 3.

trita c mus

Fig. 3

Mas julgo possível, teóricamente, restabelecer o ano de (14)32. Na parede do fundo há restos de um calvário a fresco, onde se distingue Jesus crucificado.

Ao lado da cruz papal, um pontífice com tiara e um livro aberto,



Fig. 4

que a mão direita sustenta. Outro santo segura um livro fechado e está descalço; parecendo ler-se: *Sam Simom*. Fig. 4.

Na mesma parede, vê-se uma Senhora da Piedade, com o corpo

de Jesus sôbre os joelhos e uma faixa em redor do nimbo, onde se lê em caracteres pintados a preto de alemão minúsculo:

[vi]dete si est dol[or], etc.

Não tenho nota do ano em que visitei casualmente esta curiosa ruína, mas presumo que foi em 1909; ignoro também o estado em que possam ainda estar êsses interessantíssimos frescos, bem dignos de melhor sorte.

A fachada da capela é coroada por um campanário com uma só sineira e empena aguda.

Novembro de 1916.

F. ALVES PEREIRA.

Conimbriga

A camada pre-romana da cidade

(Notas de uma exploração de dez dias em Condexa-a-Velha)

Conimbriga, o *opidum* mais importante do distrito de Coimbra, bem conhecido pelos seus mosaicos, mármore, barros e metais, recolhidos em diversas explorações e guardados no Museu do Instituto,

era, até há pouco, um livro cerrado para tudo o que não fôsse arqueologia clássica. Descurou-se completamente a camada pre-romana da cidade, como se não existisse, apesar dos machados de pedra que frequentemente se encontravam mostrarem que a ocupação humana daquele ponto se perdia no fundo das idades. Nem mesmo a Santos Rocha, conhecedor como poucos da região, ocorreu a possibilidade do encontro de uma civilização idêntica à que descobrira em Santa Olaia, sob os alicerces da grande povoação que os romanos haviam dominado e engrandecido.

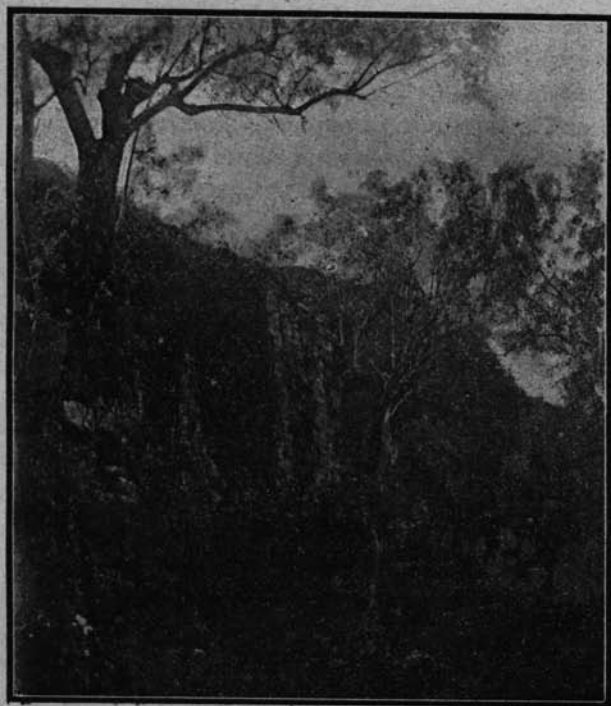


Fig. 1

Numa das inúmeras excursões que fiz a Condeixa-a-Velha, quando estudante de Coimbra, ao percorrer um dia a base da muralha virada a NO., num ponto sobranceiro à fonte e às últimas casas da povoação, notei que debaixo do muro, — ali em parte esboroadado no alicerce, deixando um arco por onde esbarrondavam as terras do interior —, aparecia uma camada de terra anegrada, fortemente mesclada de cacos, carvões e ossos, os quais, examinados, me deixaram a impressão de que pertenciam à civilização que eu pouco antes havia estu-

dado em Santa Olaia, numa porção de terreno deixada intacta por Santos Rocha.

Passava-se isto em fins de 1909, e logo então recolhi boa porção de fragmentos de cerâmica, que trouxe para Coimbra, indo seguidamente compará-los com os exemplares expostos no Museu Municipal da Figueira da Foz. Perante a sua completa semelhança, nenhuma dúvida me restava de que havia encontrado os restos materiais da civilização dos habitantes do castro, à época da conquista romana. Infelizmente, não podia realizar nenhuma exploração em grande; limitei-me, por isso, a dar parte de tudo ao Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, reservando-me fazer o mesmo ao Dr. Santos Rocha. Este, porém, morreu sem eu lhe ter podido falar em tal assunto.

Em Abril de 1912, de 17 a 26, realizei, finalmente, por incumbência do Museu Etnológico, uma exploração no local onde a camada arqueológica aparecia do lado externo da muralha (Fig. 1) numa extensão de mais de 15 metros, em lugar, portanto, onde tinha a absoluta certeza de não trabalhar em vão. Mas a situação perigosa desse lugar, sob um muro, alto nesse ponto de uns 6 metros ou mais, e que apenas se sustentava pela coesão do material, obrigou-me a iniciar os trabalhos no interior, onde, logo a 1^m,60 abaixo do terreno actual, appareceu a zona pre-romana, que a seguir se verificou tinha uns 3 metros de espessura, alcançando terreno virgem e acompanhando o declive deste, tal como era nos tempos anteriores à construção da muralha. A camada, perfeitamente intacta, igual e unida, apresentava em grande, o que eu vira primitivamente do lado de fora do muro, com os mesmos cacos, os mesmos ossos e carvões. Simplesmente, agora, a extracção dos objectos podia fazer-se com método, e o metal mostrava-se com mais abundância.

Nenhuma indicação estratigráficas se puderam aproveitar. A camada, ou pertencia ao fundo de uma habitação térrea, ou ao seu quintal, ou, finalmente, poderia não ser mais que o resto de um vaze-douro situado em ponto que a muralha romana depois circuitou, impedindo assim que os materiais e os rebotalhos se escapassem para a encosta. A segunda hipótese parece-me plausível, atendendo à quantidade de carvões entremeados na massa e ao encontro de objectos de certo valor. Nenhuma lareira indicavam locais de cozinha; nem sequer appareceram fundamentos de divisões caseiras. Uma única fiada de pedra solta lembrou, vagamente, um alicerce. Limitar-me hei, portanto, a descrever os achados e a compará-los com os das estações congêneres, tentando depois marcar na cronologia preistórica o verdadeiro lugar que elles devem ocupar.

Deixando pois as notas topográficas e estratigráficas, entremos na descrição dos objectos encontrados, que poderão dividir-se, para o estudo, em duas classes: metálicos (cobre e bronze, ferro e ouro) e não metálicos (cerâmica, osso, pedra, restos de cozinha).

Objectos metálicos

DE FERRO.—Todos os ferros que apareceram na camada são informes e pouco apresentam de notável. Constan de:

Uma cavilha com 0^m,05 de comprimento, de secção quadrada e cabeça cônica, em botão.

Metade superior doutra cavilha igual,

Parte de um prego fino.

Pedaço de ferro, que parece o punho de uma espada, dobrada, semelhante às aparecidas na necrópole de Alcácer do Sal.

Uma haste cilíndrica, indeterminável quanto à sua utilização.

Dois fragmentos de fôlhas de facas.

Cabo de uma faca, com 0^m,07 de comprimento, atravessado por uma cavilha cilíndrica, de bronze, muito fina, comprida 0^m,11, medida esta que vem, por consiguiente, marcar a espessura do cabo, quando completo.

DE COBRE E BRONZE.—Incluo numa só categoria os objectos dos dois metais, porque não me é possível mandar analisar todos; muitos deles devem, porém, ser de cobre, pois apparecem amolgados e dobrados, mas não quebrados, o que teria acontecido se fôessem de bronze puro. Os mais notáveis de entre elles são as fibulas, que deixo para descrição final. Encontraram-se:

Uma argola de 0^m,04 de diâmetro, com secção losangular (espessura vertical 0^m,004, e horizontal 0^m,003), igual às que apparecem em Pragança, etc. Esta, porém, notabiliza-se, porque fecha por sobreposição dos dois extremos aguçados da barra de metal com que a fizeram.

Uma argolinha de toro circular, carregada de excrescências triangulares, que talvez tivesse feito parte da ornamentação de uma fibula grande.

Uma agulha grossa e longa, partida na ponta. A cabeça é larga e lanceolada, e o orificio circular. Tem de comprimento actual 0^m,09 e de espessura 0^m,03. (Fig. 2).

Um alfinete cônico, alongado, comprido 0^m,065, tendo a cabeça formada por uma ligeira dobra da própria haste.

Fragmentos de mais dois alfinetes do mesmo tipo, com secção circular.



Fig. 2

Uma haste laminada, com 0^m,15 de comprimento, circular num dos extremos, à maneira de cabeça, alargando depois em losango até ao centro, e, por fim estreitando de novo; largura da cabeça 0^m,015, do centro 0^m,013, da base 0^m,007; espessura geral 0^m,002, na base 0^m,005. O aspecto geral do objecto faz lembrar o de certos ídolos etruscos e gauleses, na sua mais rudimentar expressão antropomórfica; mas a ausência dos riscos que acompanhem essas figuras, acentuando as feições, faz antes inclinar o nosso julgamento para um campo muito diverso. O objecto em questão poderá ser uma tecla de um desses rudimentares pianos de mão que os selvagens africanos conservam, e que na Conímbriga da idade do ferro seriam também usados pelos habitantes.



Fig. 3

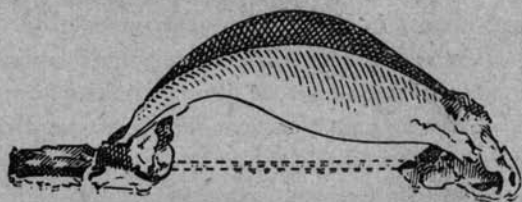


Fig. 4

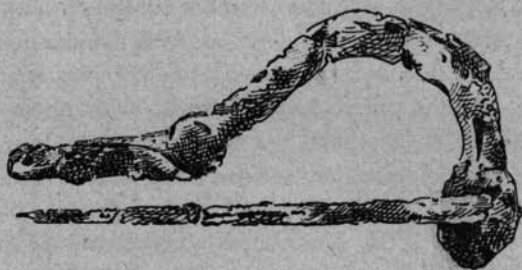


Fig. 5

Fusilhão e mola bilateral sobre charneira, de uma fivela pequena, incompleta. Mede de comprimento 0^m,024 (fig 3).

FÍBULAS:

a) Fíbula de largo arco laminado, semi-circular, terminando, de um lado, em longo pé perpendicular ao arco, e do outro num prolongamento de lâmina, rebatida em gancho sobre o extra-dorso. A mola do fusilhão (desaparecido) enrola-se nesse gancho, numa só volta, singelamente. A goteira do descanso acompanha o pé em todo o comprimento. Está incompleta por falta do alfinete e encontra-se partida em três pedaços. Comprimento 0^m,065; do pé 0^m,022; largura da fôlha do arco 0^m,02. (Fig. 4).

b) Fragmento do arco de uma fibula do tipo da anterior, com 0^m,025 de comprimento e 0^m,015 de largura.

c) Fibula de arco levantado, mais que semi-circular, do feito da primeira descrita, mas com o arco apenas formado por uma fita estreita que chegando à *cabeça* se enrola sobre si mesma e depois bilateralmente, formando assim a mola do fusilhão. Descanso do pé, bastante comprido. Está completa, embora partida em cinco bocados. (Fig. 5).

Comprimento 0^m,065; do pé 0^m,025; largura do dorso 0^m,01.

d) Fibula de arco levantado, formada por uma simples haste metálica dobrada em semi-círculo, no arco, transformada em mola, com enrolamento bilateral de uma só volta e seguindo em alfinete até um descanso hoje desaparecido, mas que, provavelmente, era curto. Está incompleta. (Fig. 6).

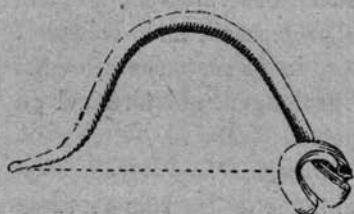


Fig. 6

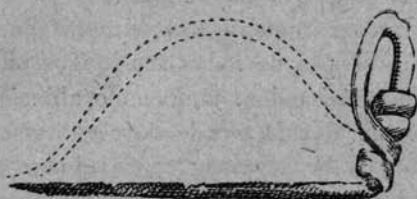


Fig. 8



Fig. 7

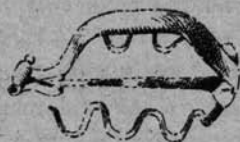


Fig. 9

Comprimento 0^m,04; espessura da haste 0^m,003.

e) Fibula de arco em dorso de camelo, — tipo clássico da Certosa —, com enrolamento unilateral na mola, formada de uma fita de secção rectangular. Incompleta, só com arco e a mola. (Fig. 7)

Comprimento 0^m,03; espessura 0^m,002.

f) Fragmentos de uma fibula do tipo da anterior, com mola de enrolamento unilateral e de pé curto.

g) Fusilhão e mola de uma fibula do tipo das anteriores, com o arco (desaparecido) enrolado na cabeça em aselha. Desta espécie de laçada partia o alfinete. (Fig. 8).

Comprimento 0^m,055; do fusilhão 0^m,025.

h) Fragmento do arco de uma fibula.

Comprimento 0^m,03; largura 0^m,012; espessura 0^m,003.

2) Fíbula pequenina e delicada, de arco quasi em trapézio, com mola enrolada bilateralmente, prolongada em alfinete. A mesma haste sustenta o pé, que termina numa volutazinha, dobra em arco, volteia em mola e segue até morrer em alfinete, como quasi todas as fíbulas anteriormente descritas, que são fabricadas duma só tira de metal.

Esta fíbula apresenta, como nota invulgar, uma barrazinha de metal atravessada no interior da mola, que, saindo dela, acompanha em ondulações de cobra o corpo da fíbula. Este feitio, que em fíbulas estrangeiras se encontra no próprio arco, applica-se aqui num simples motivo ornamental, quasi independente do corpo do objecto. Acha-se, infelizmente, partida em sete pedaços, mas pode-se facilmente reconstituir e desenhar. Tem de comprimento 0^m,03; de largura no arco, 0^m,003. (Fig. 9).

Da descrição de todas estas fíbulas e fragmentos de fíbulas infere-se que, de modo geral, elas são de dimensões variáveis, que têm o arco raramente semi-circular puro (de preferência mais elevado), que os pés de todas são longos ou curtos, indiferentemente, e que em quasi todas, também, o alfinete é o prolongamento terminal da mesma fita de metal que constitui o corpo da fíbula.

¿Onde encontrar, para ajudar a sua classificação em relação à cronologia¹, fíbulas semelhantes, apresentando as mesmas formas e caracteres, na arqueologia pátria ou na estrangeira?

No trabalho mais completo que em Portugal se escreveu sobre fíbulas², o Sr. Dr. José Fortes não reproduz nenhuma fíbula do tipo das agora descritas de Conímbriga. A p. 16 do seu trabalho até, quando expõe a nomenclatura das partes componentes da fíbula, afirma que a mola espiraliforme é inseparável da bilateralismo da mesma. Ora em muitas fíbulas de Condeixa a mola em espiral é-o apenas unilateralmente. Além disso, a mesma espiral aparece com uma ou duas voltas apenas, singelamente.

¹ Recentemente, no n.º 6 (Junho de 1913) da *Revue Anthropologique*, A. de Mortillet apresentou uma «Classification des fibules d'après leur ressort», na qual as fíbulas de Condeixa-a-Velha podem ocupar o lugar do n.º iv do tipo I: *Fibules à ressort à boudin lateral*. Estas fíbulas são feitas de uma só peça, como as de Conímbriga.

Cumpre-me a propósito dizer que neste assunto de fíbulas adopto quasi toda a terminologia preconizada pelo Sr. Dr. José Fortes a p. 16 do tomo II de *Portugalia*, embora ao que Mortillet chama *cabeça* chame *êle pé*, e vice-versa (*Revue Anthropologique*, Juin 1913, p. 189).

² «As fíbulas do noroeste da península», in *Portugalia*, tomo II, p. 15 sgs.

Cartailhac e Pierre Paris¹ também nenhuma fibula d'êste tipo referem. Outros especialistas consultados nada acrescentaram.

As fibulas dos tipos *La Tène* apresentam diferenças sensíveis destas, tanto nas molas como nos pés². Pelo comprimento dos pés e mola unilateral ainda as nossas fibulas lembram mais as de Hallstatt³.

Nem mesmo, em minha opinião, as origens dos objectos arqueológicos da península se devem procurar só no centro e no norte da Europa. Está-nos também naturalmente indicado receber influências e artefactos por via dos povos meridionais, navegadores ou guerreiros, da bacia do Mediterrâneo.

Na arqueologia italiana encontrámos com certa abundância exemplares semelhantes aos das nossas fibulas, pertencentes a épocas que condizem com aquela a que podemos attribuir a camada de terra onde se fizeram as explorações de Conímbriga. Certos tipos da primeira idade do ferro, na Itália (Vila Nova, Certosa, período etrusco arcaico), foram os que melhores indicações forneceram.

Consultando-se com cuidado a obra monumental de Montelius⁴ pode seguir-se com segurança o desenvolvimento morfológico das fibulas italianas; ver como houve tipos que evolucionaram, outros que desapareceram para renascer mais tarde, e outros ainda que luziram esporádica e pouco duradouramente, para logo se perderem de uso.

As fibulas com mola unilateral, arco fino e descanso curto, vem já da idade do bronze. Encontrámo-las depois com o mesmo carácter e também com o descanso comprido e mola simples ou dupla, unilateral, em Vila Nova, Novilara, Vetulonia, Chiusi, Orvieto, Perugia, Terni, Vulci, etc.⁵, de ouro, de prata e de bronze. Os séculos do seu aparecimento vão desde o X ao IV, a. C.

¹ *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, vol. II, p. 263 sgs.

² *Zeitschrift für Ethnologie*, 1911, p. 664, e sgs.

La Tène, un oppidum Helvète, por Victor Gros, pl. X, e outras.

³ Forrers, *Reallexikon*, Hallstallezeit, Tafel 84, n.º 3.

Ed. Freih, *Das Grabfeld von Hallstatt in Obösterreich*, Wien 1868, em Tafel, XIV, 1.

⁴ *La civilisation primitive en Italie*, vols. I e II e Atlas.

⁵ Ver no livro citado, de Montelius, referências a:

Vila Nova (Itália Setentrional), pl. 84 e 85: fibulas do tipo Conímbriga com o dorso largo ou estreito, indiferentemente: da 1.ª idade do ferro; séc. X a. C.

Novilara (Pesara, Itália Central). Pl. 44 e 148: fibulas *ad arco di violino*;

¿Como chegaram estes tipos à Lusitânia e se espalharam pelas suas diferentes regiões? Para responder a esta pergunta seria necessário que em Portugal abundassem as monografias arqueológicas e as estações da idade do ferro, já estudadas. Será portanto bastante conjectural qualquer afirmação que aqui deixar notada, porque este estudo é, por enquanto, quasi isolado e, portanto, forçosamente incompleto.

Santos Rocha quando estudou as fibulas de Santa Olaia¹ e do Castro não procurou descobrir a origem das fibulas aparecidas nessas estações: limitou-se a afirmar que pertenciam ao tipo *La Tène I*, ou seja, ao primeiro período da 2.^a idade do ferro.

A idade atribuída às fibulas de Santa Olaia não pode sofrer ataques; que elas, porém, derivem de modelos franceses é assunto que se pode discutir.

Nas fibulas apresentadas como de tipo ibérico, no *Manual* de Déchelette², a charneira parece indispensável. ¿Sê-lo há de facto para a época do ferro portuguesa?

As fibulas do Castro, Santa Olaia e, agora, as de Conímbriga, dizem que não.

¿Mas qual a verdadeira origem das fibulas de Conímbriga?

A página 692 do seu *Manual*, Déchelette escreve as seguintes palavras, que talvez possamos aplicar para ajudar a resolver uma questão que é naturalmente espinhosa.

«Les modèles industriels de la Grande Grèce et de la Campanie ont dû se répandre dans la colonie d'Emporium. De là, ils ont gagné l'*hinterland* ibérique où les ateliers indigènes les ont imités».

séc. x-viii a. C. Aquelas que tem o descanso longo são mais recentes. (Pl. 144, fig. 8; pl. 148, fig. 16).

Vetulonia (Tomba di Val di Campo). Idem: pl. 183, pl. 192 (séc. ix).

Chiusi. Id.: pl. 227 (mais recente).

Orvieto. Id.: pl. 240 (tipos anteriores ao séc. iii, a. C.).

Perugia. (Província de). Pl. 250 (séc. ix-vi, a. C.).

Terni. Pl. 253 (séc. vi, a. C.?).

Vulci (Prov. de Roma). Pl. 263.

Examinar também as fibulas etruscas, nos livros: *Intorno agli scavi archeologici fatti del Sig. A. Arnoaldi Veli*, Bologna 1877, tav. xi e xii; *L'art étrusque*, Paris 1889, «Fibules Bolonaises», p. 83, fig. 73-81, de Jules Marthas; *Antiche Abitazioni di Bologna*, Bologna 1907, de Antonio Zannoni, na tav. xvi, etc.

¹ «Estações pre-romanas da idade do ferro, nas vizinhanças da Figueira», *Portugalica*, t. ii.

² Joseph Déchelette, *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine*, t. ii, Paris 1913, p. 1102.

Santa Olaia fica perto do mar. Conímbriga a umas cinco léguas dêle, apenas. ¿Porque não viriam as fibulas por lá, como, segundo Santos Rocha, a cerâmica veio também em certo período?

DE OURO.—Deixando as fibulas, matéria que pela pouca abundância de material que sobre elas existe será por muito tempo ainda bastante nebulosa para nós, vamos entrar na descrição da única jóia aparecida durante esta primeira exploração da camada pre-romana de Conímbriga. Essa jóia é uma placazinha circular, de bronze, coberta com uma capa muito fina de ouro. Tem de diâmetro 0^m,039.

A chapa de ouro está lavrada de desenhos: sete circunferências, contendo cada qual quatro círculos concêntricos, dispostas seis delas em volta de uma central, entre pontos que salpicam regularmente o resto do campo. Toda a ornamentação se obteve aplicando um molde sobre a fôlha de ouro e batendo esta. (Fig. 10).

Em Portugal já se encontrou outro objecto semelhante, que Santos Rocha descreveu¹ como: «uma finíssima fôlha de ouro, pesando apenas 1^g,2, com forma discóide, tendo o diâmetro de 0^m,036; foi rebatida sobre um molde, que produziu os ornatos em relêvo que nela se vêem»; a sua ornamentação faz lembrar, afiança o Dr. Santos Rocha, a de certas jóias de Micenas. Deixando, depois, tam remotas paragens, acaba por notar que num túmulo gaulês, de Magny-Lambert, appareceu também um pequeno disco de fôlha de ouro estampada, semelhante (A. Bertrand, *Archéologie celtique et gauloise*, p. 325).

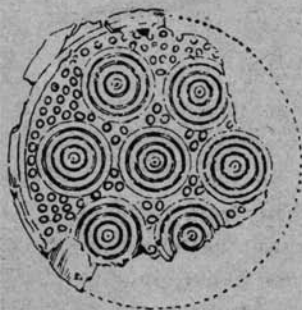


Fig. 10

Efectivamente em Micenas, nos túmulos, tem-se encontrado bastantes placas de ouro ornadas de círculos, espirais, etc.². Existe até entre elas uma de disposição idêntica à nossa; as suas rodelas são porém um tanto maiores. Mas isso não deve, a meu ver, influenciar demasiado a nossa apreciação, pois que os círculos concêntricos apparecem com abundância nas idades do ferro e do bronze, por toda a Europa.

Quanto aos pontos que ornamentam a placa de Conímbriga podemos comparar-lhe os que embelezam a superfície de uma caçoula de ouro apparecida em terreno da gare de Zurich, e que já foi descrita

¹ «Estudo sobre um artefacto pre-romano de ouro descoberto no Algarve», a pp. 64-67 do *Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha*, n.º 2.

² R. Forrers—*Reallexikon*, pp. 530 e 531.

por mais que uma vez¹. Foi atribuída à época de Hallstatt. Entre nós apareceu já uma caçoula de prata com a mesma forma, mas de menores dimensões².

A mesma ornamentação de pontos, círculos e espirais, marcados com molde, se encontra em objectos de ouro de Chipre (período micénico)³, de Rodes (Kameiros), do séc. VII, a. C.⁴, e da antiga Etrúria (séc. III, a. C.)⁵. Na Itália, em especial, encontra-se um tipo de ornamentação semelhante ao da nossa placa, por exemplo em caldeiras de bronze de Novilara (pl. 150, fig. 16, da obra de Montelius) e de Corneto (pl. 281, fig. 26), várias vezes reproduzidos já.

As arrecadas de Laundos teem a parte triangular inferior igualmente cheia de pontos, obtidos pelo mesmo processo que os da jóia de Condeixa⁶; foram pelo seu autor atribuídas a tempos posteriores ao séc. V, a. C.

Nós concluiremos apenas que, dada a pureza do extracto em que se encontrou a chapa de ouro, devemos marcar-lhe igualmente a época de La Tène (1.º período) para época de fabrico.

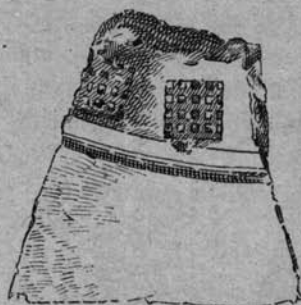


Fig. 11

CERAMICA.—A cerâmica de Conímbriga não difere da encontrada em Santa Olaia; podemos distinguir entre ela:

1.º Um tipo de louça grosseira, trabalhada com roda, esfregada e polida, em geral coberta por uma bela patina castanho-afogueada. Vasos grossos e finos. Alguns cacos são tam imperfeitos que chegam a parecer apenas trabalhados à mão.

2.º Um tipo de louça cinzenta, algumas vezes bastante escura, que Santos Rocha classificou de *buchero*. Aparece com abundância.

3.º Um tipo de louça vermelha, pintado exteriormente; menos vulgar que o antecedente.

¹ Musée N. S. à Zurich. XV^{me} Rapport Annuel, 1906, p. 53, e «Heft 1º, 1907» do *Anzeiger für Schw. Altertumskunde*, p. 1 a 7, artigo do Dr. J. Heierli, «Die goldene Schlüssel von Zurich».

² O *Archeologo Português*, xv, 84-86.

³ F. H. Marshall, *Catalogue of the Jewellery Greek, Etruscan and Roman in British Museum*, London 1911, plate 1.

⁴ Idem, plate XII.

⁵ Idem, plate XLIV.

⁶ Ricardo Severo, «Arrecadas de ouro do Castro de Laundos», in *Portugalia*, t. II, pp. 403-412.

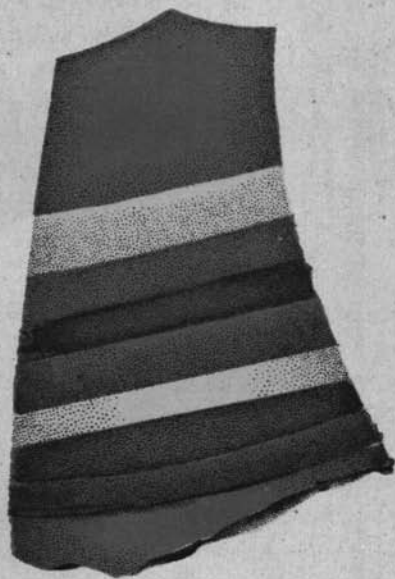


Fig. 12

A ornamentação da louça do primeiro tipo é quasi nula, e, quando se mostra, parece resultado das compressões de tecidos sobre a pasta fresca. Um dos cacos dêste tipo de barro estava marcado com um carimbo quadrangular, quadriculado, tal como alguns fragmentos cerâmicos do Castro de Chibanes¹. (Fig. 11).

A ornamentação da louça cinzenta obtinha-se, como a da actual de Estremoz, esfregando com uma pedra à superficie dos vasos; a da louça vermelha é pintura às faixas como a de Santa Olaia, Crasto e Lisboa (claustro da Sé)². As côres que aparecem são apenas a vermelha, negra, amarela, branca e castanha (fig. 12).



Fig. 13

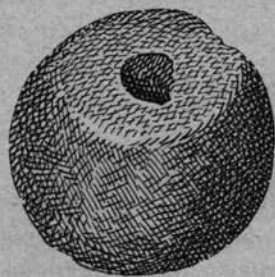


Fig. 14

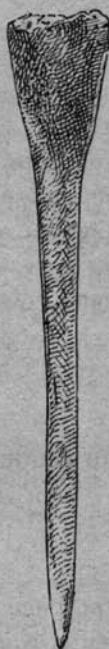


Fig. 15



Fig. 16

Formas conjecturais de vasos é difficil apresentar, dada a sua fragmentação. O mais curioso pedaço de vasilha que eu encontrei foi meio cone (fig. 13), provido de uma asa; era provávelmente uma lâmpada, destinada a estar suspensa.

Abundavam os pratos, ou taças-pratos.

¹ Marques da Costa, *Estações preistóricas dos arredores de Setúbal*, p. 114. *Lisboa preistórica*, III, p. 6.

De louça, ainda, tenho a mencionar um cossoiro (fig. 14), grosso, em forma de barril, alto 0^m,028, com o diâmetro de 0^m,032, e uma conta oblonga, comprida 0^m,04, larga 0^m,02, pintada de vermelho. Em Santa Olaia encontraram-se iguais¹.

Osso.—Os objectos de osso encontrados durante a exploração foram os seguintes: dois furadores de base triangular (fig. 15), um completo, comprido 0^m,085, outro partido, que media apenas 0^m,08; um alfinete incompleto, lavrado com cuidado e arte na parte que resta; outro alfinete de cabeça lavrada; mais alguns troços de outros utensílios da mesma natureza; uma agulha completa (fig. 16), comprida 0^m,09, mas partida em dois pedaços.

RESTOS DE COZINHA.—Abundantes no local, em especial, os ossos de suínos e caprinos.

Apareceram também algumas conchas, furadas, provavelmente antigas pertencças de colares.

Além destes objectos apparecem no terreno várias pedras vulgares, percutores, afiadeiras, moletas, etc., juntamente com alguns pedaços de machados de pedra, que abundam em toda a área de Conímbriga.

Não seria das cousas de menos interêsse o descobrir, depois da Conímbriga romana e do ferro, a do bronze e a neolítica.

VERGÍLIO CORREIA.

Une cœnochoé en bronze rencontrée à Rio-Maior²

(Planches I-III)

C'est au cours d'une excursion à Rio-Maior, d'ailleurs très fructueuse, que j'ai eu la bonne fortune de trouver le beau vase en bronze, l'œnochoé, dont il est question dans la présente notice. Cet objet, unique en Portugal, a été acheté à un forgeron qui était sur le point de le mettre au creuset; il appartient aujourd'hui au Musée Ethnologique Portugais.

D'après les renseignements que j'ai pu obtenir il a été trouvé à quelques mètres de profondeur, en faisant une excavation pour cons-

¹ *Estações citadas*, p. 347.

² Reproduit des *Arquivos da Universidade de Lisboa*, vol. III, Lisboa 1906, p. 207, avec auctorisation de M. le Recteur de la Université.